

JONAS, O JUDEU DESOBEDIENTE E O DEUS INTERCULTURAL:

UMA ANÁLISE DO LIVRO DE JONAS

Jonah, the disobedient jew and the intercultural God: an analysis of the book of Jonah

Stéfani Niewöhner¹

Resumo

Este artigo tem a intenção de estudar o livro de Jonas, a partir de pesquisa bibliográfica, resgatando seu contexto histórico e a intenção teológica e didática de seu autor e conteúdo. Recentemente, o livro de Jonas foi usado para a desunião: como um termômetro, separou fundamentalistas e ortodoxos de racionalistas. O fato é que, enquanto causar discórdia e divisão, a verdadeira mensagem do livro de Jonas não está sendo totalmente percebida. Ao ressaltar que a misericórdia e o amor de Deus não se limitam a fronteiras geográficas ou étnicas, o livro de Jonas buscou o fim da exclusão entre pessoas de diferentes culturas e etnias, na sua época, israelitas e estrangeiros. A misericórdia de Deus “afundou” em alto mar e é exatamente aí, que queremos ancorar o nosso barco e procurar pelos tesouros dessa encantadora mensagem.

Palavras-chave: Antigo Testamento. Jonas. Interculturalidade.

Abstract

This article intends to study the book of Jonah, with bibliographical research, recovering its historical context and the theological and didactic intention of its author and content. Recently, the book of Jonah has been used to de-unify: like a thermometer, it separated fundamentalists and orthodox from rationalists. The fact is, while it is causing discord and division, the true message of the book of Jonah is not being fully perceived. Emphasizing that the mercy and love of God are not limited to geographic or ethnic boundaries, the book of Jonah sought an end to exclusion among people of different cultures and ethnicities, in its time, Israelis and foreigners. The mercy of God "sank" into the sea, and it is right there where we want to anchor our boat and search for the treasures of this lovely message.

Keywords: Old Testament. Jonah. Interculturality.

¹ Mestranda e Bacharel em Teologia – Faculdades EST – São Leopoldo, RS, Brasil. Bolsista Cnpq. E-mail: stefaniniewohner@gmail.com.

Considerações Iniciais

O livro de Jonas foi fixado no início da sequência dos doze profetas menores, entre Obadias e Miqueias, provavelmente porque em 2Rs 14.25 é mencionado o profeta Jonas, filho de Amitai, que prediz ao rei Jeroboão II (787-747 a.C) do Reino do Norte o reestabelecimento da grandeza de Israel com a retomada de territórios perdidos.² Contudo, pela sua singularidade, o livro de Jonas não teria sido escrito no século VIII a.C., mas provavelmente no século IV ou III a.C.,³ por se tratar de uma narrativa profética em prosa elaborada como novela didática, sarcástica e irônica (enquanto os outros autores trabalham com ditos proféticos em poesia); por sua linguagem recente, usando expressões em aramaico (língua oficial do império persa); pela importância de Nínive (última capital do domínio assírio a partir de 705 a.C.); pelas alusões aos costumes persas (a inclusão de animais no rito de jejum); e, pelo uso de teologias de textos como Jr 18.7-8 e Jl 2.13b-14a (pressupondo a existência destes).⁴

Mas, então, se o Jonas do livro não é o mesmo de 2 Reis, por que o autor do livro de Jonas teria escolhido este profeta para representar seu personagem? Para começar, vamos à etimologia. Jonas é um nome hebreu que significa “pomba”.⁵

A pomba pode significar Israel (Os 7,11; 11,11; Sl 74,19). Neste caso, Jonas poderia ser entendido como personificação do povo de Israel. Ver-se-ia, então, em Jonas não um indivíduo, mas um povo. Ou, pelo menos uma parte do povo – a que, como a pomba, não tem entendimento (Os 7,11). A pomba tem valor simbólico ainda mais abrangente no Antigo Testamento. No Cântico dos Cânticos ela é símbolo da mulher amada (Ct 2,14;4,1) Em Gn 8,11, por outro lado, a pomba é a mensageira da boa-nova de que as águas do dilúvio tinham escoado. Além disso, também o nome do pai de Jonas Amati ou Amitai, pode ter valor simbólico, já que significa “verdade” ou “fidelidade”. Jonas é, pois, “filho da verdade”.⁶

Ao usar o mesmo nome do profeta nacionalista de 2Rs, o redator deixa evidente a identificação entre eles. Jonas é, portanto, representante do povo israelita de mentalidade nacionalista e exclusivista. E é para estas pessoas que o redator quer levar sua mensagem.⁷

² “De acordo com este texto, Jonas foi, portanto, um profeta nacionalista, ou seja, alguém que anunciava sucesso ao rei e bem-estar à nação israelita, defendendo, assim, a permanência e até o fortalecimento do sistema sócio-político do Reino do Norte.” KILPP, Nelson. *Jonas*. Petrópolis: Vozes, São Leopoldo: Sinodal, 1994. p. 36-37.

³ SCHMIDT, Werner H. *Introdução ao Antigo Testamento*. 3 ed, São Leopoldo: Sinodal; EST, 2004. p. 272.

⁴ KILPP, 1994, p 17-18.

⁵ KILPP, 1994, p. 38.

⁶ KILPP, 1994, p. 38.

⁷ GASS, Ildo Bohn. *Exílio babilônico e dominação Persa: Primeiro Testamento: a serviço da leitura libertadora da Bíblia*. São Leopoldo: CEBI, 2004; São Paulo: Paulus. (Uma introdução à Bíblia; 5). p. 196-197.

Contexto histórico

Em 722 a.C., com a queda e destruição do Reino de Israel pelos Assírios, a elite israelita foi deportada para a Mesopotâmia e Média e novas elites estrangeiras foram trazidas da Babilônia e da Síria Central para governar os remanescentes. Quase dois séculos depois, o Reino do Sul também foi atingido. Jerusalém e o Templo foram destruídos (587 aC). A elite e parte do povo judaíta foram deportados para a Babilônia.⁸

Em 538 a.C., a Babilônia é derrotada pelos persas e o imperador Ciro emite um decreto permitindo a volta dos exilados.⁹ O regresso não foi imediato, pois no exílio já se criava a terceira geração e a Palestina estava ocupada pelos remanescentes e pelos povos estrangeiros. Mais tarde, em 520 a.C., também o rei Dario teria permitido o regresso de um maior número de exilados.¹⁰

Incentivada pelos profetas Ageu e Zacarias e liderados por Zorobabel (chefe da casa de Judá e último da linha davídica) e por Josué (o sumo sacerdote), a comunidade repatriada inicia a reconstrução do Templo de Jerusalém, que é inaugurado em 515 a.C. (Ed 6.15-18). Entre aqueles que regressaram, uma parte se reuniu em torno do Templo, os “ortodoxos”, e outra parte se fixou entre os remanescentes, os “samaritanos”.¹¹

Na ótica dos judaítas e especialmente dos repatriados, os samaritanos haviam se “contaminado” com outros povos e outras religiões, embora cultuassem a YHWH. Segundo os Livros de Esdras e Neemias, “samaritanos” são todos aqueles que não foram para o exílio! Mesmo os que moravam em Judá! Os repatriados consideravam apenas as tribos de Judá e Benjamin, isto é, o antigo Reino de Judá, como verdadeiro Israel. E mais especificamente, os repatriados se consideravam o verdadeiro povo de Deus. As demais tribos eram seus inimigos. Para não se “contaminarem” com os samaritanos, os repatriados rejeitaram sua oferta de ajuda na reconstrução do templo (Esd 4,1-5) Com isso, aumentaram ainda mais as antigas divergências. Em torno de 430 a.C., a ruptura foi total. Anos mais tarde, possivelmente em torno de 400 a.C., os samaritanos construíram um templo de YHWH no monte Garezim [...].¹²

Neemias (governador de Judá) e Esdras (sacerdote e escriba) reorganizaram a vida de fé do povo com base na Lei, no Templo e em Jerusalém. “A Lei de Deus tornou-se lei do

⁸ DONNER, Herbert. *História de Israel e dos povos vizinhos*. 5. ed. São Leopoldo: Sinodal, Escola Superior de Teologia, 2010. v.2, p. 361.

⁹ DONNER, 2010, v.2, p. 461.

¹⁰ DONNER, 2010, v.2, p. 464-465.

¹¹ DONNER, 2010, v.2, p. 465-471.

¹² GASS, 2004, p. 85-86.

rei, e a lei do rei a Lei de Deus em troca de tributos sobre a terra e produto (Esd 7,25-26). Esta submissão à dominação persa foi fatal”.¹³

No pós-exílico, o nome Israel não era mais uma referência à organização tribal. Nem era uma alusão à época do reinado unido sob Davi e Salomão. Muito menos se referia ao Reino do Norte, que também já não existia mais. “Israel” passou a ser comunidade judaica que se reunia no templo de Jerusalém, tendo uma identidade comum (Esd 2,2). Deve-se incluir nessa comunidade cultural, os deportados da Babilônia (Esd 7,13). Dessa forma, excluía especialmente os israelitas pertencentes às tribos do Norte, também chamados de samaritanos, ou os judeus que não foram expatriados, chamados pejorativamente de “povo da terra”.¹⁴

Israel havia retornado à pátria, mas de forma alguma era independente. Mesmo ali estavam submetidos ao império persa.

Os persas não eram tão brutais como seus antecessores, os assírios e os babilônicos. De certo modo, “civilizaram” a dominação, admitindo algumas liberdades, em especial religiosas, a seus súditos. Ainda assim a exploração era implacável. O sistema provincial persa inclusive aperfeiçoou a arrecadação de tributos. Acelerou e aprofundou a exploração. A pobreza marcava as vidas: “Tomamos dinheiro emprestado até para o tributo do rei” (Neemias 5.4). O Templo estava restaurado. [...] Jerusalém estava reedificada. A Lei de Moisés estava em pleno vigor. Neemias e Esdras o haviam possibilitado, em torno de 450 a.C., ambos a serviço dos persas. Templo, Lei e Jerusalém estavam consolidados. [...].¹⁵

O império persa era organizado em Satrapias e cada região era governada por um Sátrapa, que realizava a coleta dos tributos e os enviava ao governo central.¹⁶ Os agricultores, que antes plantavam para a sobrevivência de suas famílias, agora precisam produzir excedente para pagar os tributos. E era no templo que os impostos eram recolhidos. Uma parte da produção ficava para o templo e a outra parte era vendida em troca das moedas que pagavam o tributo.

A palavra de Deus ordena que Jonas vá à Nínive. Mas por que Nínive? Nínive era a capital do mais terrível império dominador: a Assíria. Na época em que foi escrito o livro de Jonas, Nínive já havia sido totalmente destruída e não existia mais. Porém, devido a sua má fama, ela jamais foi esquecida pelo povo de Israel.

Nínive localiza-se na margem oriental do rio Tigre, no norte do atual Iraque, a cerca de 900 km em linha reta de Jerusalém. Ela se tornou, depois de Assur, a segunda capital do Império Assírio, após Senaquerib tê-la fortificado e nela ter construído o seu palácio, fazendo dela, em 705 aC, sua residência. Até a sua destruição por uma

¹³ NÜSSE, Dietlind. *Eu sabia...por isso fugi*: Jonas e a misericórdia de Deus: análise do capítulo 4 do Livro de Jonas. São Leopoldo: CEBI, 2001. (Ensaio 2). p. 15.

¹⁴ GASS, 2004, p. 87.

¹⁵ SCHWANTES, Milton. *Jonas: os ninivitas creram em Deus*. Rio de Janeiro: CEDI, 1991. (Mosaicos da Bíblia; 1). p. 4.

¹⁶ NÜSSE, 2001, p. 13-14.

coalizão de medos e babilônios, em 612 aC, Nínive certamente cresceu em tamanho e, principalmente, em importância.¹⁷

Segundo pesquisas arqueológicas, a cidade tinha 4,5 por 5,5 km de extensão, e as muralhas que circundavam a cidade tinham cerca de 12 km de perímetro. Para a época, tais medidas eram bem significativas. Portanto, Nínive era considerada uma cidade grande. Contudo, a informação de que seriam necessários três dias para percorrê-la (Jn 3.3) é na verdade um exagero, o que é bastante comum no livro de Jonas. Essas e outras hipérboles pretendem ressaltar trechos importantes na narrativa. Aqui ficam evidentes o poderio de Nínive e o impacto de efeito instantâneo da profecia de Jonas.¹⁸

A “violência” de Nínive (Jn 3.8) provavelmente se refere à violência usada pelo império dominador e seu exército destruidor. Tanto o Reino do Norte quanto o Reino do Sul juntaram rancor e sofrimento sob a dominação assíria. Em 2Rs 15.19s, os proprietários de terras no Reino do Norte devem pagar tributo de mil talentos de prata aos assírios. O Império Assírio tomou a terra e a dividiu em províncias. Em 2Rs 18-20, o rei assírio também atinge o Reino do Sul, e cobra pesado tributo de Jerusalém (721 a.C.). Em Naum 2.12 encontramos o leão, fera que despedaça suas vítimas, como comparação aos assírios. Nínive é “cidade sanguinária, toda cheia de mentiras e de roubo e que não solta a sua presa!” (Nm 3.1). Dessa forma, podemos concluir que o autor usa a cidade de Nínive como símbolo de opressão do povo.

Nínive era símbolo perfeito das nações estrangeiras a serem destruídas por Deus como castigo por sua maldade no passado. Pelo menos na cabeça daqueles israelitas que acreditavam que o bem-estar, a felicidade e a reabilitação de Israel somente se concretizariam depois do castigo das nações estrangeiras. Estes grupos criam que o amor de Deus para com o povo eleito passava pelo ódio aos inimigos que a tradição lhes impunha: as nações estrangeiras ou, em linguagem simbólica, Nínive.¹⁹

Nínive, portanto, representa todas as cidades opressoras. É para lá que o nosso personagem é enviado.

A mensagem do livro de Jonas

No Novo Testamento também encontramos menção a Jonas. Jesus é desafiado por seus opositores a dar um sinal, um milagre para que vissem e cressem (Mt 12.38-42; Lc 11.29-32). Jesus, porém, se recusa dizendo que não daria nenhum outro sinal a não ser o de

¹⁷ KILPP, 1994, p. 39-40.

¹⁸ KILPP, 1994, p. 99.

¹⁹ KILPP, 1994, p. 41-42.

Jonas. Mas o que seria esse sinal? Segundo Nelson Kilpp, há três maneiras diferentes de interpretação:

a) Milagres não salvam. Nem Jesus nem Jonas realizam milagres. É necessária a fé, a decisão pessoal; b) O povo estrangeiro se torna exemplo: os gentios são modelo de fé em Mateus assim como os ninivitas são em Jonas; e c) Jesus Cristo aponta para a história de Jonas comparando a estadia de Jonas no ventre do peixe com a sua ressurreição depois de três dias no seio da terra.²⁰

A mensagem da boa nova em Jonas é a mesma mensagem que o próprio Cristo vem pregar: “Não vim chamar justos, e, sim, pecadores, ao arrependimento.” (Lc 5.32). Na parábola do Filho Pródigo (Lc 15.11-32) o filho mais velho, egoísta e enciumado, representa Israel, assim como Jonas. O livro de Jonas vai propor a superação desta postura nacionalista excludente pela experiência da misericórdia de Deus que alcança a todos.

De fato, era hora de surpresas. Pois, só estas poderiam romper com este acordo tácito entre Templo, Lei e Jerusalém, por um lado, e Império, por outro lado. Jonas entra nesta brecha. Aposta em novas perspectivas.²¹

Nesta linha também temos Joel, que prega o Espírito até para servos e servas; Rute, que fala do Messias que não virá de Jerusalém, mas de Belém, na tradição de uma mulher estrangeira; Jó, um estrangeiro que protesta o sofrimento do justo e faz uma nova experiência de Deus; Eclesiastes, que denuncia as obras vãs; e Cantares, que fala do amor sem leis e das relações de gênero. Todos estes livros caíram como duras críticas àqueles e àquelas que se encontravam acomodados às “leis e sacrifícios, a dogmatismos e Templo”.²²

Jonas 1: Do alto às profundezas

O livro de Jonas inicia com a vocação de Deus a Jonas. Deus lhe ordena: “Levanta-te, vai à grande cidade de Nínive, e clama contra ela” (1.2). Jonas se levanta, mas para fugir de sua missão. Ele desobedece e vai à Joque.

Jonas desce ao porto de Joque, a atual Jaffa, à procura de um navio para Társis. [...] A partir do século V aC, o porto de Joque pertencia aos fenícios. [...] A maioria da população de Joque talvez fosse não israelita. [...] Joque é o porto mais próximo para quem mora em Jerusalém ou arredores. [...] Para quem escreve a história, Jonas estava na região de Jerusalém ao ser vocacionado. [...] Jonas representa, sem dúvida,

²⁰ KILPP, 1994, p. 10.

²¹ SCHWANTES, 1991, p. 4.

²² SCHWANTES, 1991, p. 4.

grupos israelitas que moram no centro, em ou perto de Jerusalém. Jonas corporifica ideais, pensamentos, teologia e espiritualidade do centro religioso de Israel.²³

O termo “profeta” não aparece no texto, mas, por sua missão, Jonas pode ser assim considerado. Contudo, a sua desobediência não é exatamente o que o leitor espera de um profeta. O interessante é que, apesar da imperfeição e da desobediência de Jonas, Deus não escolhe outra pessoa. Deus conta com Jonas para ser seu profeta e pregar a sua palavra.

Comparemos as histórias das vocações dos outros profetas veterotestamentários. Quando chamados, Moisés (Ex 3.1-12), Isaías (Is 6.1-8) e Jeremias (Jr 1.1-10), primeiro hesitam e não se sentem suficientemente preparados. Deus, porém, é insistente e se mostra como companheiro que capacita e dá coragem. Eles obedecem e aceitam sua vocação. Mais tarde também erram, são desobedientes e se mostram como anti-heróis, completamente humanos e imperfeitos. Também o profeta Urias teve medo e fugiu (Jr 26.21). E Deus ainda assim quer usá-los para sua missão. Graças a Deus!

Geralmente a palavra de Deus a seu profeta é na verdade uma ordem para interferir na história e no contexto de seu povo. Semelhantemente acontece ao profeta Elias: “Levanta-te e vai a Sarepta” (1Rs 17.9). Contudo, a maioria dos profetas professa sua mensagem de anúncio e denúncia apenas de longe. Não vão ao “ninho do inimigo”.

Pregar contra as nações é uma coisa; pregar contra elas em seu próprio meio é algo bem diferente. Ao enviar Jonas para Nínive, o objetivo de Deus deve ser diferente do que simplesmente comunicar a destruição da cidade. A palavra profética não quer ser somente pronunciada; ela quer ser ouvida.²⁴

Jonas não quer aceitar sua missão. Ele vai pela contramão, fugindo num navio para Tárzis. E por que Tárzis? A cidade é mencionada no Antigo Testamento (Gn 10.4), bem como seus grandes navios (Is 60.9, 66.19; Sl 72.10). Segundo Nelson Kilpp²⁵, Tárzis teria sido uma colônia fenícia localizada no sudoeste da Espanha, cerca de 4 mil km a oeste de Israel. Era uma cidade de grande influência econômica, já que os fenícios traziam minérios preciosos de lá. Jonas pensa poder fugir para longe de Deus. Por isso, escolhe uma cidade que, de tão distante, poderia representar o fim do mundo até então conhecido. Na mente de Jonas, lá não deveria haver a presença do Deus YHWH, já que seu nome não era invocado fora da Palestina.²⁶

²³ KILPP, 1994, p. 43-44.

²⁴ KILPP, 1994, p. 39

²⁵ KILPP, 1994, p. 40-42.

²⁶ KILPP, 1994, p. 40-42.

Jonas está determinado a fugir. Ele não explica suas razões nem protesta. Teria ele medo de Nínive? Ou pensa que não adiantaria argumentar com Deus? Por enquanto ficaremos sem saber. Só o que sabemos é que Jonas gasta seu dinheiro para uma viagem que poderia durar até meio ano.²⁷

Para impedir a fuga de Jonas, Deus inicia uma tempestade no mar com um grande vento, *o ruah*, o mesmo que é soprado nas narinas e dá vida ao ser humano. É o Deus-criador interferindo na sua criação para a realização de sua vontade. O navio parece quase não resistir, e, apavorados, oravam cada um a seu deus. Enquanto isso, Jonas dorme profundamente, no porão do navio, até que é acordado pelo capitão que ordena: “Levante e clama ao teu deus” (1.6). São os mesmos verbos usados por Deus na vocação de Jonas. É a insistência que persegue a teimosia de Jonas.

Enquanto isso, eles lançam sortes a procura do culpado. Naquela época vigorava a lógica da ação-reação: se alguém está sofrendo é porque pecou e é culpado. A sorte (ou azar) aponta para Jonas. Quando questionado quanto a quem é e o que faz, acaba por ser portador de uma mensagem importante: “Sou hebreu, e temo ao SENHOR [YHWH], o Deus do céu, que fez o mar e a terra.” (1.9). Pela primeira vez, faz algo certo. O curioso é que Jonas, apesar de crer na fé que professa pensa ser capaz de fugir desse Deus, ao que é repreendido pelos marinheiros temerosos: “Que é isto que fizeste!” (1.10). Que inversão: o profeta é repreendido pelos marinheiros que parecem entender o quão grave é fugir do Deus YHWH!

A tempestade continua forte. Jonas assume a culpa e pede para que o lancem ao mar. Detalhe: ao pedir para ser jogado, Jonas não está tendo um momento de coragem. Se assim fosse, ele próprio poderia ter se atirado ao mar! O covarde Jonas deixa a escolha nas mãos dos marinheiros, que ainda se esforçaram em remar à terra firme (1.13). Eles são estrangeiros, mas agem melhor que o nosso profeta, o verdadeiro israelita!

A tempestade, porém, não dava outra solução. Eles clamam a YHWH e pedem perdão por atirar Jonas ao mar (1.14). A tempestade, enfim, termina. Na compreensão da época, nada acontecia ao acaso. Até mesmo os fenômenos da natureza estavam nas mãos de Deus.

²⁷ KILPP, 1994, p. 42-43.

Jonas desce da região montanhosa de Jerusalém, onde fora vocacionado, até as profundezas do mar. Conforme Everton R. Bootz²⁸, na psicologia, seu processo de descida pode ser comparado à doença da depressão. Com suas ideias nacionalistas e egoístas, Jonas parece não compreender a vontade de Deus. Para que desperte de sua teimosia e falta de compaixão, Deus envia-o à Nínive, capital estrangeira, o que o faz entrar em confronto consigo mesmo. E, “afundando em depressão”, vai até o “fundo do poço”.²⁹

Jonas não morre em alto mar, o que era de se esperar. É salvo ao ser engolido por um grande peixe enviado por Deus. “Preparou, pois, o SENHOR um grande peixe, para que tragasse a Jonas; e esteve Jonas três dias e três noites nas entranhas do peixe” (1.17). Deus ainda quer usá-lo para sua missão.³⁰

E a surpresa: os marinheiros temem, fazem votos e oferecem sacrifícios ao Deus YHWH! E mais: eles não eram sacerdotes para que oferecessem sacrifícios corretamente, conforme a Lei, nem sequer estavam no Templo de Jerusalém.³¹ Tampouco são mencionados os dois símbolos mais importantes da identidade da religião israelita da época pós-exílica: a circuncisão e o cumprimento do sábado. Somente sacrifícios e votos são citados, símbolos de expressão religiosa comum para a maioria dos povos daquela época. Talvez o autor do livro de Jonas esteja querendo dizer que é possível crer e louvar do jeito que se sabe e que converter-se a YHWH não significa assumir uma cultura estranha.

Neste capítulo, quem dá o exemplo de fé não é Jonas, mas os marinheiros que se convertem a YHWH. Eles são os verdadeiros interpretes da mensagem de Deus. Lembremos agora da situação no final do Império Persa. Marinheiros estrangeiros servindo de exemplo de fé? Isso sim deve ter dado o que falar!

Jonas 2: Jonas ora no ventre do peixe

É praticamente consenso entre os pesquisadores que a oração de Jonas no ventre do peixe teria sido um acréscimo posterior ao texto. Entre os argumentos estão o texto em poesia e o conteúdo de contexto litúrgico. Sua oração tem estrutura semelhante a um salmo de ação de graças, que descreve um perigo já passado e promete sacrifícios (2.9).

²⁸ BOOTZ, Everton Ricardo. *Tempo de afundar – tempo de se alegrar. Uma leitura do livro de Jonas segundo a hermenêutica da psicologia profunda de C. G. Jung*. In: WONDRACEK, Karin; HOCH, Lothar C.; HEIMANN, Thomas (Org.) *Sombras da Alma. Tramas e Tempos de Depressão*. São Leopoldo: Sinodal; EST, 2012. p. 207.

²⁹ BOOTZ, 2012, p. 206-208.

³⁰ GASS, 2004, p. 198.

³¹ GASS, 2004, p. 198.

Podemos comparara a oração de Jonas com o Cântico de Ana, mãe de Samuel, (1Sm 2.1-10). Um escriba teria inserido na história da estéril que se torna mãe uma espécie de “magnificat”, ampliando a interpretação da história também para todo o povo de Deus. Talvez possamos compreender essa inserção do Salmo de graças também em Jonas, “sublinhando assim o valor simbólico de sua descida nas águas e de sua salvação [...] sinal da salvação dos fracos, dos doentes, dos náufragos. Mais ainda, em Jonas beirando a morte, Israel podia se reconhecer”.³²

A oração de Jonas no ventre do peixe revela um Jonas muito diferente do anterior³³. O segundo capítulo é sobre a gratidão. Agora ele se integra aos sofredores e se coloca ao lado dos angustiados (2.2), na esperança de ser libertado ainda que já “desfalecia em mim a minha alma” (2.7). “Uma vez na angústia, no abismo, nas entranhas de um peixe Jonas recorre à tradição dos sofredores, para sobreviver”.³⁴

Contudo, Jonas ainda representa Israel, pois confessa que teme jamais voltar a ver o “santo templo” (2.4). No primeiro capítulo, a única ação condizente a um fiel profeta foi sua confissão como temente a YHWH (1.9), ainda que todas as suas ações tenham sido contraditórias a esse temor. Agora, no segundo capítulo, Jonas ora a Deus, e promete sacrifícios, chegando próximo aos exemplares marinheiros convertidos. “Jonas, este hebreu temente, tem marinheiros estrangeiros como seu modelo”.³⁵

Ser engolido por um animal e ainda continuar vivo é um mito muito antigo. É provável que o autor de Jonas tenha ouvido histórias mitológicas desse tipo de marinheiros fenícios, tendo, portanto, inserido um conto não israelita em sua narrativa.³⁶ Mitos como este eram muito difundidas entre o Egito e a Índia. Na Grécia, o mito também aparece em Perseu e Hércules.³⁷ Atualmente, temos esse mito no conto da *Chapeuzinho Vermelho*, no qual a vovó é engolida pelo lobo mau e depois é salva com vida. Figuradamente, “ser engolido” poderia significar uma viagem ao interior de si próprio, uma regressão. Neste sentido, Jonas teve que “ficar a sós” para refletir e perceber com clareza o dilema

³² MORA, Vincent. *Jonas*. Tradução das monjas dominicanas; revisão de José J. Sobral. São Paulo: Paulinas, 1983, (Cadernos Bíblicos; 36). p. 57-58.

³³ GASS, 2004, p. 198.

³⁴ SCHWANTES, 1994, p. 8.

³⁵ SCHWANTES, 1994, p. 8

³⁶ KILPP, 1994, p.24-25.

³⁷ BAPTISTA, Roberto Natal. *E a novidade veio de dentro da baleia*. In: BOTTAS, Paulo Cesar. *Jonas*. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: CEDI, 1991. (Mosaicos da Bíblia; 4). p. 14.

psicológico e teológico pelo qual estava passando para daí encarar sua missão. É o começo de uma transformação.³⁸

Jonas 3: Os ninivitas creram em Deus

Deus novamente chama Jonas para ir a Nínive. Jonas saiu do ventre do peixe um pouco diferente: desta vez, aceita sua missão e vai à Nínive.

Jonas encurta o caminho, e faz o percurso de apenas um dia de caminhada e prega aos ninivitas usando apenas cinco palavras: “Ainda quarenta dias, e-Nínive será-destruída” (3.4).³⁹ A pregação de Jonas é a mais resumida de todos os profetas!

O capítulo 1 e o capítulo 3 têm ênfases semelhantes. Em ambos Jonas, o profeta, atua. Dá seu recado. Em 1,9 através de sua confissão: “Sou hebreu, e temo ao Senhor”. E, em 3,4 através de sua ameaça: “Ainda quarenta dias, e Nínive será subvertida”. Nos dois casos, Jonas é portador, é proclamador de relevantes conteúdos. Mas, a rigor, não os entende. Não sabe interpretá-los. Jonas sabe das coisas. Mas faz tudo ao contrário.⁴⁰

Apesar da escassez de palavras, seu anúncio surte efeito imediato: os próprios ninivitas se mobilizam e propagam o alerta adiante. “E os ninivitas creram em Deus” (3.5). Todo o povo se converte a Deus: desde o mais importante até o mais humilde, todos fazem jejum e penitência, inclusive os animais! Diante disto, também o rei deixa seu trono e vai participar do ritual de arrependimento com seu povo (3.5-7). Não apenas o povo passa por uma profunda transformação, mas também as estruturas opressoras deixam de vigorar.⁴¹ A inclusão dos animais demonstra que não apenas os seres humanos estão no projeto de salvação divina, mas toda a natureza viva. Toda a criação é importante. A natureza age. Desde o vento, a tempestade, o peixe, as plantas.

No primeiro capítulo, os verdadeiros hermeneutas da mensagem de Deus foram os marinheiros. No terceiro, os intérpretes são os habitantes da cidade e até os animais! Para tentar reverter a sentença destrutiva, cada pessoa orou a Deus com fervor e abandonou seus maus caminhos. (3.8) E funcionou! Vendo o arrependimento deles, Deus se arrependeu do mal que planejava fazer, e não os castigou (3.10).

³⁸ SCHWANTES, 1994, p. 5.

³⁹ SCHWANTES, Milton. *Convite à compaixão*. Interpretação e meditação a partir de Jonas 4.1-11. In: Revista Caminhando, v. 11, n. 18, p. 13-24, jul-dez 2006. p. 18.

⁴⁰ SCHWANTES, 1994, p. 6.

⁴¹ GASS, 2004, p. 198-199.

Há no comportamento de Deus algo que tem a ver profundamente com a liberdade construtiva. A chance de recomeçar se oferece sempre, a pessoa é construção sem cessar, nenhuma situação é obrigatoriamente final. Tudo pode começar de novo. O perdão insiste em enxergar inocência onde outros só veem marcas de feridas abertas (Isaías 1,18).⁴²

Deus, na verdade, não queria destruir a cidade. Ele queria que cressem nele. Mesmo diante da imperfeição humana, dos erros, das falhas, Deus está sempre disposto a perdoar. O amor de Deus não cabe nos dogmas, nem nas leis. Sua ação não está restrita ao templo, à igreja. O amor de Deus não conhece fronteiras.⁴³

O que impressiona nos ninivitas é, justamente, sua fé. Eles creram e se unem em arrependimento e reconciliação. No Novo Testamento, encontramos a admiração de Jesus para com a fé dos não-israelitas. No episódio da mulher cananéia, Jesus admite “Mulher, grande é tua fé!” (Mt 15.28). Também diante do centurião romano: “Nem em Israel achei fé como esta” (Mt 8.10; cf Lc 7.9).

O que aconteceu em Nínive é indicação claríssima do caminho de superação da violência (Jonas 3.8). A conversão da cidade equivale ao momento no qual seus habitantes aceitam reconhecer-se em igualdade de condição: “Vestiram-se de saco, desde o maior até o menor” (v.5). É preciso que o “rei desça de seu trono, tire de si as vestes reais, cubra-se de pano de saco e assente-se sobre a cinza” (v.6). Em outras palavras, é preciso que o poderoso volte a experimentar sua condição humana, baixe do lugar que o separa, desvista-se daquilo que lhe confere aparência de superioridade, e se assente na cinza como todos os pobres. Reconheça o seu pecado, isto é, reconheça-se do mesmo barro que todas as outras pessoas, iguale-se.⁴⁴

É isso que o redator de Jonas quer nos ensinar: “Reconhecer-se pecador é vencer todo o sentimento de superioridade e autossuficiência. É desvendar para si mesmo a própria verdade antropológica de ser como os outros. É só isso que precisamos para obter o perdão”.⁴⁵

Jonas 4: A frustração de Jonas e a revelação graciosa de Deus

Um profeta tinha credibilidade quando suas profecias se cumpriam. Deus, porém, ao ver o arrependimento dos ninivitas, também se arrepende do mal que pensara em fazer e mostra toda a sua compaixão. Com isso, Jonas fica extremamente desgostoso e irado (4.1) e

⁴² SOARES, Sebastião A. G. *O desencontro entre Jonas e Deus*. In: BOTTAS, Paulo Cesar. *Jonas*. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: CEDI, 1991. (Mosaicos da Bíblia; 4). p. 26.

⁴³ GASS, 2004, p. 199.

⁴⁴ SOARES, 1991, p. 27.

⁴⁵ SOARES, 1991, p. 27.

revela o motivo de sua fuga: “Por isso, me adiantei, fugindo para Társis, pois sabia que és Deus clemente, e misericordioso, e tardio em irar-se, e grande em benignidade, e que te arrependes do mal.” (4.2). Jonas não quer ser profeta para levar estrangeiros à fé em Deus. Quer pregar de acordo com seu nacionalismo exclusivista. Quer a bondade de Deus para si e seu juízo para os outros. “Jonas se mostra bastante agradecido quando ele próprio recebe ajuda; em contraposição ele fica com raiva quando outras pessoas são ajudadas (4,1)”.⁴⁶

Jonas se senta à parte para assistir de camarote a destruição que anunciara (4.5). No capítulo um, Jonas vai dormir no porão do navio. Aqui, no capítulo quatro, ele busca distância, não quer se envolver com os problemas alheios.

Deus faz crescer uma mamoneira. A planta traz sombra e conforto diante do calor. Com isso, Jonas se alegra extremamente (4.6). No dia seguinte, Deus manda um verme destruir a planta (4.7). Quando o sol nasceu, Deus mandou ainda um vento oriental. O profeta diz: “melhor me é morrer do que viver” (4.8).

Durante toda a narrativa, Deus usa a própria criação para ensinar a Jonas sobre sua misericórdia. Ele usa o forte vento, a tempestade e o grande peixe. Agora ele usa uma mamoneira, um verme e um vento oriental.⁴⁷

Sol e vento quente se unem contra Jonas. Provavelmente se trata do siroco, um vento que, em Israel, vem do deserto, trazendo um bafo de ar quente, poeirento e principalmente muito seco (cf. Sl 121,6). As temperaturas podem ultrapassar os 45 graus [...].⁴⁸

A história de Jonas pode ser comparada com a de Caim. Caim se ira contra Deus porque sua oferta não lhe agradara como a de seu irmão Abel, ao que Deus questiona “por que andas irado?” (Gn 4.6), assim como também faz com Jonas: “É razoável essa tua ira?” (4.4,9). A expressão “fugir da presença de Deus” (1.3,10), literalmente “longe da face de YHWH”, encontramos também na fuga de Caim (Gn 4.16). Mesmo Caim, o assassino em fuga, recebe um sinal da proteção de Deus, bem como o desobediente e egoísta Jonas, que é salvo pelo grande peixe enviado por Deus.⁴⁹ Caim tem inveja do frágil Abel, seu irmão. Jonas

⁴⁶ KILPP, 1994, p. 74.

⁴⁷ GASS, 2004, p. 199.

⁴⁸ KILLP, 1994, p. 125.

⁴⁹ MORA, 1983, p. 13.

tem ciúme dos ninivitas, porque são perdoados e poupados por Deus. Talvez o redator esteja tentando mostrar as leitores que os povos estrangeiros são seus irmãos.⁵⁰

Também a Igreja Cristã está espelhada neste Jonas. Quantos erros da Igreja, no passado distante e não tão distante, tiveram consequências trágicas para gente inocente, em especial para não-cristãos! A matança de mouros, judeus, indígenas, e escravos africanos em nome da Igreja é de estarrecer. Mesmo assim, muitos cristãos ainda se arrogam o direito de juízes sobre a cultura e a religiosidade de outros povos.⁵¹

Nos últimos versículos do livro, a intenção do autor se torna explícita: através das experiências vividas, o próprio Deus vai proporcionando uma transformação de pensamento teológico em seu profeta e em Israel.⁵²

Jonas ou os grupos por ele representados não devem ser excluídos do plano de Deus. O autor quer que eles se integrem e participem de uma nova maneira de conviver que inclua também os “outros”, os não-israelitas, inclusive os descendentes dos inimigos e opressores de outrora [...] Neste projeto novo, conforme a convicção do autor de Jonas, todos têm o seu lugar. Até mesmo os mesquinhos e egoístas representantes da ortodoxia e exclusivismo israelitas.⁵³

Jonas acha sua ira razoável (4.9), afinal, Deus havia destruído uma planta que lhe servia de sombra. Ao que Deus lhe pergunta: “tens compaixão da planta que não te custou trabalho, a qual não fizeste crescer, que numa noite nasceu e numa noite pereceu; e não hei de eu ter compaixão da grande cidade de Nínive, em que há mais de cento e vinte mil pessoas e também muitos animais?” (4.10-11).

O último capítulo de Jonas nos revela um Deus muito humano. Ele sente, igual a nós, pena de pessoas; isto o motiva a agir com misericórdia. Não encontramos nada do dogmatismo e esquematismo de Jonas; não se vê um Deus calculista que soma direitos e deveres em seu bloco de anotações. O livro de Jonas nos revela um Deus livre e soberano, que não se enquadra no rígido esquema da ortodoxia israelita. A vida é o que importa para este Deus. Quando a vida está em jogo, ele se deixa comover. Este amor está bem próximo do amor presente nas parábolas de Jesus. É o amor do pai que recebe de braços abertos o filho que desperdiçou toda a sua fortuna (Mt 18,32). É a justiça do Deus que vê a necessidade do trabalhador e dá salário igual a todos os operários, mesmo que alguns não tenham tido a sorte de ter servido durante o dia inteiro. (Mt 20.1-16).⁵⁴

⁵⁰ KILPP, 1994, p. 121.

⁵¹ KILPP, 1994, p. 62.

⁵² KILPP, 1994, p. 27.

⁵³ KILPP, 1994, p. 29.

⁵⁴ KILPP, 1994, p. 128.

Juntos, os crentes podem viver à luz da misericórdia de Deus, sejam israelitas ou judaítas, sejam remanescentes ou repatriados, judeus ou samaritanos, sejam da terra de Israel ou estrangeiros. Sejamos nós ou “os outros”.

Considerações Finais

O livro de Jonas alerta e desafia. Alerta para que não afundemos em sectarismos: em disputas entre linhas teológicas, entre movimentos, entre pessoas, como se uma fosse mais correta que a outra, dividindo entre santos e pecadores, trigo e joio. Todos somos simultaneamente justos e pecadores, trigo e joio. Quem, se precipitando, quiser arrancar o trigo, arrancará também o joio. O livro de Jonas desafia para que assim possamos viver em unidade dentro de nossas comunidades. Alerta para as disputas e proselitismos entre igrejas e denominações e desafia para as relações ecumênicas, tendo em vista aquilo que nos une: a fé em Cristo Jesus. Alerta para a intolerância religiosa, que pela falta de diálogo e amor, causa guerras e mortes e desafia para o diálogo inter-religioso, lembrando sempre que o vento do Espírito “sopra aonde quer” (Jo 3.8), não cabendo aos seres humanos o juízo, mas só a Deus a salvação. Pois, não haverá Deus de ter compaixão deles?

Só Deus pode nos transformar. Por isso pedimos: “Ensina tua Igreja a amar, ensina tua Igreja a incluir”.⁵⁵ Cremos que a misericórdia de Deus vai além do povo de Israel, pois alcançou os estrangeiros ninivitas, os gentios do mundo greco-romano, e veio até nós! Mas, como Jonas, temos dificuldade de compreender e aceitar que possa haver fé e salvação onde a princípio julgamos não haver. Que possamos nos perguntar: será que pode Deus salvar um budista, um judeu, ou um hinduísta? Bom, ele pode salvar até um cristão! A misericórdia de Deus alcança todas as nações. É o cumprimento da promessa de Deus a Abraão! Não haverá Deus de ter compaixão também deles?

Referências

BALANCIN, Euclides Martins; STORNILOLO, Ivo. *Como ler o livro de Jonas: Deus não conhece fronteiras*. São Paulo: Paulinas, 1991. 34 p. (Como ler a Bíblia)

BAPTISTA, Roberto Natal. *E a novidade veio de dentro da baleia*. In: BOTTAS, Paulo Cesar. *Jonas*. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: CEDI, 1991. (Mosaicos da Bíblia; 4).

⁵⁵ TRANSFORMA, SENHOR. Letra: OLIVEIRA, Nádia. Música: EWALD, Werner. *Tear*, liturgia em revista, São Leopoldo: Oikos, Maio de 2014, n° 41 e 42. p. 45.

BÍBLIA. Português. Almeida. 1999. SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. *Bíblia de estudo Almeida*. Ed. Revista e atualizada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

BÍBLIA. Português. Jerusalém. 2002. *Bíblia de Jerusalém*. Nova ed., revista e ampliada São Paulo: Paulus, 2002.

BOOTZ, Everton Ricardo. *Tempo de afundar – tempo de se alegrar. Uma leitura do livro de Jonas segundo a hermenêutica da psicologia profunda de C. G. Jung*. In: WONDRACEK, Karin; HOCH, Lothar C.; HEIMANN, Thomas (Org.) *Sombras da Alma. Tramas e Tempos de Depressão*. São Leopoldo: Sinodal; EST, 2012, p. 205-222.

CENTRO DE ESTUDOS BÍBLICOS. *Brincar e brigar com Deus: encontros bíblicos sobre Jonas*. São Leopoldo: CEBI, 2010. (A palavra na vida; 265).

DONNER, Herbert. *História de Israel e dos povos vizinhos*. 5. ed. São Leopoldo: Sinodal, Escola Superior de Teologia, 2010. v.2.

GASS, Ildo Bohn. *Exílio babilônico e dominação Persa: Primeiro Testamento: a serviço da leitura libertadora da Bíblia*. São Leopoldo: CEBI, 2004. São Paulo Paulus. (Uma introdução à Bíblia; v.5)

KILPP, Nelson. *Jonas*. Petrópolis: Vozes, São Leopoldo: Sinodal, 1994. (Comentário bíblico AT).

MORA, Vincent. *Jonas*. Tradução das monjas dominicanas; revisão de José J. Sobral. São Paulo: Paulinas, 1983, (Cadernos Bíblicos; 36).

TRANSFORMA, SENHOR. Letra: OLIVEIRA, Nádia. Música: EWALD, Werner. *Tear*, liturgia em revista, São Leopoldo: Oikos, Maio de 2014, n^o 41 e 42.

NÜSSE, Dietlind. *Eu sabia...por isso fugi: Jonas e a misericórdia de Deus: análise do capítulo 4 do Livro de Jonas*. São Leopoldo: CEBI, 2001. (Ensaio 2)

SCHMIDT, Werner H. *Introdução ao Antigo Testamento*. 3 ed, São Leopoldo: EST/Editora Sinodal, 2004.

SCHWANTES, Milton. *Convite à compaixão*. Interpretação e meditação a partir de Jonas 4.1-11. In: Revista Caminhando, v. 11, n. 18, p. 13-24, jul-dez 2006.

_____. *Jonas: os ninivitas creram em Deus*. Rio de Janeiro: CEDI, 1991. (Mosaicos da Bíblia; 1).

SOARES, Sebastião A. G. O desencontro entre Jonas e Deus. In: BOTTAS, Paulo Cesar. *Jonas*. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: CEDI, 1991. (Mosaicos da Bíblia; 4).